



Diz em que feira tu andas que te direi quem és: notas etnográficas sobre feiras agroecológicas urbanas em Fortaleza - CE

Tell me which market you go and I'll tell you who you are: ethnographic notes about agroecological markets in Fortaleza – CE.

GOMES, Melina¹

¹Universidade Estadual do Ceará (UECE), melinasousagomes@gmail.com

Eixo temático: Agriculturas Urbana e Periurbana

Resumo: Este texto de inspiração etnográfica diz respeito à uma pesquisa em andamento sobre feiras agroecológicas em Fortaleza-CE. Quatro são as feiras analisadas até então: Feira Agroecológica do Benfica, Feira da Reforma Agrária (vinculada ao MST), Feira da ADAO – Associação para o Desenvolvimento da Agropecuária Orgânica e ainda a Feira Muda Meu Mundo. Cada uma delas insere-se em um espaço diferente da cidade e, embora tenham em comum a produção e comercialização de gêneros alimentícios cultivados e produzidos a partir da agroecologia, cada feira traz suas características próprias. Aqui analisaremos duas delas: local de realização e perfil do público consumidor. A partir da reflexão sobre as percepções dos clientes sobre cada feira, a hipótese é de que a agroecologia assume, no ambiente urbano, diferentes roupagens, que vão desde o estilo de vida saudável/alternativo, até a adequação a um novo padrão de *status* e busca de um corpo *fitness*, passando pela militância e movimentos sociais.

Palavras-Chave: agroecologia; relação com a cidade; espaço urbano

Keywords: agroecology; relationship with the city; urban space

“Sempre tem essa feira?": apresentando o campo de pesquisa

A pergunta que dá título a este tópico é a frase que se repete por boa parte dos transeuntes que se deparam, na praça, no mercado ou no Centro de Formação, com a feira sendo montada, desmontada ou em andamento. Este grupo de curiosos muitas vezes é frequentador habitual daquele espaço, mas pela falta de hábito de frequentar feiras, uma vez que compra tudo no supermercado, espanta-se ao deparar-se com a estrutura informal desse evento.

Quatro feiras serão aqui apresentadas, com a caracterização de seus respectivos espaços e público consumidor coexistentes no ambiente urbano de Fortaleza. São elas: A Feira Agroecológica do Benfica, a Feira da Reforma Agrária (vinculada ao MST), a Feira da ADAO – Associação para o Desenvolvimento da Agropecuária Orgânica e ainda a Feira Muda Meu Mundo. Cada uma delas insere-se em uma dinâmica urbana, a partir de uma lógica própria e de uma logística diferenciada. A mensagem que cada uma passa, por sua vez, atinge um tipo de público diverso; é sobre estas questões que versam estes escritos.

A primeira feira citada ocorre no bairro Benfica, próximo ao centro de Fortaleza. Este local possui uma peculiaridade: é onde há um grande campus da Universidade Federal do Ceará, inclusive o prédio de sua reitoria. O Benfica é um espaço



notadamente boêmio, marcado pela história de militância e pela proximidade com os movimentos sociais. Ainda preserva um caráter residencial, sendo um dos poucos bairros centrais que ainda possui mais casas do que prédios.

A Feira Agroecológica do Benfica realiza-se quinzenalmente aos sábados, das 8h às 13h. Conta com a presença de um grupo de agricultores dos municípios de Capistrano e Mulungu, ambos distando 120km de Fortaleza, sendo este último na serra da Ibiapaba. Além disso, há coletivos comercializando fitocosméticos, pães artesanais, produtos fitoterápicos com teor medicinal, artesanato indígena (etnia Tremembés) e ainda lanches veganos. A feira realiza-se na Praça João Gentil, conhecida popularmente como Praça da Gentilândia e conta também com a presença de DJ's que providenciam músicas e ritmos brasileiros.

A segunda feira analisada é a Feira da Reforma Agrária que acontece no Centro de Formação e Pesquisa Frei Humberto sendo, tanto o evento quanto o espaço, vinculados ao Movimento Sem Terra. Os expositores são de assentamentos de diversos municípios do estado, principalmente da região do sertão. Há venda de produtos ecológicos, roupas, livros e lanches.

Esta feira ocorre mensalmente, sempre no segundo sábado de cada mês e apresenta-se como "Feira Cultural da Reforma Agrária", pois sempre é escolhido um tema para ser debatido e seu horário organiza-se da seguinte forma: início às 8h, às 10h uma palestra sobre o tema do mês, com a presença de convidados pertinentes à temática e ao meio dia, ao fim do debate, tem início alguma apresentação musical e é comercializado um almoço. O evento se estende até por volta das 16h.

A Feira da Associação para o Desenvolvimento da Agropecuária Orgânica (ADAO) ocorre em um mercado público muito antigo da cidade de Fortaleza, o Mercado dos Pinhões. É a mais antiga das três, possuindo quase 30 anos de existência, alternando períodos de maior ou menor visibilidade a depender do incentivo de cada gestão municipal, pois o mercado é um equipamento municipal vinculado às Secretarias de Turismo e Cultura.

Ela ocorre semanalmente, às terças-feiras, iniciando às 5h e estendendo-se até as 13h. Alguns grupos de agricultores e comerciantes são os mesmos da Feira Agroecológica do Benfica, apresentada anteriormente. Além de frutas e verduras, há banquinhas vendendo comida regional e também ervas, além de gêneros como farinhas, açúcares, grãos, doces e compotas.

Por fim, há a Feira Muda Meu Mundo, a única que ocorre semanalmente aos sábados. Ela situa-se em uma praça conhecida como Praça das Flores que, diferentemente das anteriores, situa-se em uma zona nobre da cidade. Ela conta com a comercialização de frutas e verduras de produtores do sertão e do litoral, além de fitocosméticos, produtos sustentáveis, alimentação vegana, orgânica e funcional, fruto de parcerias com empreendimentos locais. Ela inicia-se às 8h e finaliza-se às 11h.



Simultaneamente à feira, pelo menos uma vez por mês ocorrem atividades de interesse à sustentabilidade: oficinas de culinária, palestras sobre descarte de lixo, instruções sobre consumo consciente etc. No mês de abril de 2019 teve início uma aula gratuita de Yoga, que ocorre das 8h às 9h.

A inspiração deste trabalho é orientada pela metodologia da observação participante, com base em experiências etnográficas anteriores, contando com entrevistas informais e escrita de diário de campo. Para tanto, teóricos da geografia agrária e urbana me auxiliam, além de autores clássicos da sociologia e antropologia, como Bourdieu com sua teoria sobre campos sociais e habitus, e ainda Wright Mills com sua contribuição sobre o artesanato intelectual necessário ao pesquisador para seu processo de escrita.

“Essa feira é a tua cara”: perfil do público consumidor

Desde que passei a ser frequentadora habitual das referidas feiras, ocasionalmente ocorre de eu ir acompanhada por um amigo ou familiar, além de eventualmente encontrar colegas com o mesmo hábito e, ainda, conhecer e formar vínculos de amizade com os feirantes. A frase, como se deve imaginar, é uma que escuto recorrentemente ao encontrar por mais de duas vezes seguidas com a mesma figura – ou seja, a feira é também a cara dela.

Mas qual é, de fato, a cara dos clientes de cada feira? Há um perfil comum entre todas elas? O que elas dizem sobre os espaços onde ocorrem? Estes questionamentos são os que motivam a consecução deste trabalho, pois as possíveis respostas envolvem uma reflexão que leva a questionamentos sobre a distribuição socioespacial do ambiente urbano, o sistema capitalista de produção, a importância e os papéis possíveis da agroecologia frente ao desastre ambiental ao qual o Brasil se depara e ainda nos faz refletir sobre a importância dos movimentos sociais.

A Feira Agroecológica do Benfica conta com o público de moradores do bairro, mas seus principais clientes são pessoas vinculadas às universidades, sejam estudantes, professores, servidores ou ex-alunos. A Feira não possui uma orientação política clara, embora seja consenso que somente por ocorrer no bairro do Benfica, ela assume um caráter mais voltado aos posicionamentos da esquerda.

O discurso dos consumidores sobre frequentar a feira revela dois aspectos interessantes: além de configurar um consumo que faz bem para a saúde, estar na praça é viver o bairro. Portanto, a feira comporta uma dimensão afetiva clara, pois tradicionalmente o Benfica representa resistência e enfrentamento; desta feita, consumir produtos orgânicos é também uma forma de militância.

A forma de militância evidente, porém, reside na Feira da Reforma Agrária, pois os alimentos não são somente agroecológicos – eles vêm de terras redistribuídas pela luta da reforma agrária. Ela possui um caráter eminentemente político para além da



esquerda: o MST historicamente é fiel ao PT e embora o partido não seja consenso entre os frequentadores, o lulismo é.

Seus frequentadores, portanto, costumam ir inclusive caracterizados, com camisas, bonés e demais símbolos encarnados em alusão ao PT, ao Lula e ao próprio MST. Os convidados para realizar as palestras incluem professores, militantes de diversos movimentos sociais e, eventualmente, pessoas da cena política local.

A feira da ADAO talvez seja o espaço mais convencional no que diz respeito ao imaginário “feira”. Seu público é composto principalmente por idosos – o fato de ela ocorrer durante semana pode contribuir para este fato, sob a lógica de que os frequentadores já estão aposentados.

O horário que ela se inicia, às 5h, denuncia hábitos diversos dos clientes frequentadores das outras feiras. Em conversa com um dos feirantes, ele me explicou que antes a feira iniciava às 7h e, a pedido dos clientes, ela foi adiantando o horário de abertura para cada vez mais cedo: “se fosse às quatro (horas), tinha gente chegando esse horário. A gente chega perto das cinco e já tem gente que chegou antes da gente”, explica meu informante.

Por último, a Feira Muda Meu Mundo. Seus consumidores apresentam um perfil elitizado, especialmente se comparado ao público das demais. O bairro representa uma região nobre de Fortaleza, da qual muitas vezes os residentes não se deslocam para outras regiões da cidade. Com isso, a pauta da Agroecologia ganha espaço para um perfil de moradores que não são habituados, muitas vezes, a transitar pelos espaços e discussões que permeiam as outras feiras.

Idealizada por uma empreendedora, o discurso da saúde e do consumo sustentável é o carro chefe da feira, seguido pela preocupação em tornar claro aos clientes de que toda a cadeia produtiva é livre de exploração: do meio ambiente, do trabalhador e do consumidor.

“Que feira é essa?”: algumas reflexões teórico-metodológicas

Nota-se que, de acordo com as breves apresentações dos espaços e dos clientes, embora todas as feiras possuam em comum o discurso ecológico, a percepção que cada posicionamento na cidade e organização logística e temporal do evento traz, engendra um tipo de frequentador e impacto social diferenciados. Cada feira, a seu modo, comunica um discurso diferente acerca do mesmo fenômeno que é a agroecologia.

A feira do Benfica, com seu caráter de bairro, não a desvincula do ar intelectual e boêmio que paira sobre a Praça da Gentilândia; seu local é destacadamente vinculado às pautas de esquerda e movimentos sociais intelectualizados, pois espaço universitário. Não comporta a elite econômica da cidade, mas sem dúvida é o local de maior circulação de capitais intelectuais e culturais.



Já o caráter político da Feira da Reforma Agrária, como o próprio nome sugere, é evidente. Seu público é militante. Ir à Feira do MST está mais relacionado ao apoio ao Movimento Sem Terra do que propriamente uma reflexão sobre o consumo de alimentos agroecológicos. Coincide, portanto, em grande parte com o público universitário que frequenta a Feira do Benfica.

A feira da ADAO tem o típico público e organização de algo regional e antigo, tanto é que ocorre em um dos cartões postais da cidade com relevante valor histórico e cultural (embora lute bastante para manter-se em funcionamento, dado o descaso do poder público).

É a única das quatro que não apresenta uma parte cultural, política ou com caráter pedagógico; seu público já a frequenta pelo hábito e não pelo *status*, o que inclui sentar para um café com bolo e tapioca para conversar sem pressa por uma manhã inteira com amigos, conhecidos ou estranhos. É um recorte de um modo de vida mais próximo ao campo do que à cidade. Ela não necessita de uma programação cultural que envolva atividades para além da própria feira.

A Muda Meu Mundo traz, por fim, um público bastante atento às questões sócio ambientais, com destaque para um novo modelo de parentalidade que preza por uma introdução alimentar de qualidade para as novas gerações, respaldados sobretudo por um discurso médico-nutricional que possui um caráter combativo no sentido de desencorajar o consumo dos produtos alimentícios comercializados em supermercados convencionais.

“Próxima feira tu vem?”: algumas considerações

Pesquisar feiras agroecológicas urbanas em contextos tão diversos levam à reflexão, até o momento, sobre duas questões centrais: qual o papel da agroecologia na cidade? Ou ainda, a mesma pergunta dita de outra forma: há espaço para a agroecologia no ambiente urbano? É tentador afirmar que sim, porém isso leva ao segundo questionamento, qual seja: sendo a agroecologia importante atividade contestadora frente ao modelo desenvolvimentista predatório do capitalismo, até que ponto ela segue sendo resistência quando se alinha ao modo de vida burguês e urbano, portanto, desigual?

São estas as questões que vêm se desenhando até o momento e necessitam de maior aprofundamento, tanto teórico quanto através dos debates e pesquisas de campo. A fala dos consumidores e suas narrativas são essenciais na interpretação do fenômeno, bem como a sistematização dos dados. Estando a pesquisa em andamento, o que foi aqui exposto em primeira mão é somente um esboço do projeto que vem sendo germinado.